

Tempos e contextos da literatura brasileira na Argentina e no exterior

Florencia Garramuño*

RESUMO: O artigo discute diferentes momentos da difusão da literatura brasileira na Argentina, analisando os diferentes contextos históricos e culturais como condições para a promoção da literatura brasileira no modo de se pensar hoje – na era da regionalização das culturas –, o modo como essa difusão, alicerçada numa perspectiva de literatura comparada, poderia ajudar na construção de novas comunidades culturais.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira, literatura latino-americana, regionalização, literatura comparada.

ABSTRACT: The article discusses particular moments in the diffusion of Brazilian Literature in Argentina, analyzing different historical and cultural contexts as conditions for the promotion of Brazilian Literature in Latin America. It seeks to think how today – in the era of the regionalization of cultures – a comparative literature perspective for the diffusion of Brazilian literature can help in the construction of new cultural communities.

KEYWORDS: Brazilian literature, Latin American literature, regionalization, comparative literature.

* Universidad de San Andrés/Conicet.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada nesse evento, que marcou o lançamento da base de dados Conexões, cujo objetivo é mapear e reunir um amplo e inédito número de profissionais estrangeiros que estudam ou pesquisam temas e autores da literatura brasileira. Agradeço a Claudiney Ferreira, Felipe Lindoso e João Cezar de Castro Rocha o convite para participar do encontro.

Em dezembro de 2009, o Instituto Itaú Cultural realizou o I Encontro Internacional Conexões Itaú Cultural – Mapeamento da Literatura Brasileira no Exterior, em São Paulo.¹ O evento estava destinado a mapear os *brasilianistas* que trabalham pelo mundo fora, com o alvo de construir novos laços e conexões entre aqueles que trabalham sobre e com a literatura brasileira em universidades e diversas instituições estrangeiras e fazê-los refletir em conjunto sobre o estado atual da literatura brasileira no exterior. Quais seriam os problemas e os impasses com

que os pesquisadores do Brasil se confrontam ao se encontrarem distantes do Brasil, dos livros, dos arquivos, dos documentos, assim como da própria cultura brasileira? O encontro não só congregou professores e pesquisadores de universidades de diferentes países (Argentina, Inglaterra, Estados Unidos, França, Espanha, Alemanha e Japão, entre outros), mas também convocou tradutores e editores de literatura brasileira no exterior, que abriram um diálogo fecundo sobre os dilemas da difusão da literatura brasileira em extrema coincidência com os debates que preocupam os pesquisadores, tanto que muitas vezes duas, e até três das identidades profissionais (pesquisador, tradutor, editor) reunidas no encontro encontravam-se numa mesma pessoa. O encontro foi frutífero não só em termos profissionais e de contato – pelo fato de fazer se conhecerem pessoas que trabalham com problemas afins –, mas também em termos de difusão da literatura brasileira, já que a partir dele se iniciaram muitos trabalhos em conjunto entre diversos pesquisadores, tradutores e editores.

Do ponto de vista da pesquisa sobre a literatura brasileira, talvez o mais produtivo do encontro tenha sido a grande quantidade de perguntas teóricas que desabotoaram das discussões e debates, a partir das quais é possível vislumbrar uma transformação em andamento de um conceito de literatura e de cultura brasileira que leva em conta sua colocação na paisagem transformada de um mundo contemporâneo no qual fronteiras e limites são redesenhados cotidianamente, rearranjando regiões, comunidades e preocupações que não teriam como não influir numa disciplina tão sensível à sociedade e à cultura como o é a dos estudos literários – ou de quaisquer dos diversos ramos da arte.

Uma dessas questões – e a que me parece mais premente, já que condiz com muitas das características da literatura mais contemporânea com as quais a minha própria pesquisa vem lidando há algum tempo – é a da situação complexa da difusão de uma literatura brasileira contemporânea que já não parece poder ser contida nos

parâmetros que definiram a instituição literária no passado. Um grande número de textos brasileiros – assim como também de textos de outros países e regiões – põe em cena um extravasamento espantoso dos limites e fronteiras que tinham definido o literário como um tipo de discurso ancorado numa certa especificidade institucional. Entre esses parâmetros hoje extrapolados, a própria noção de literatura como instituição nacional fortemente ligada a certos padrões de constituição de uma identidade nacional é talvez um dos limites mais evidentemente ultrapassados, embora não seja o único. *O filho da mãe*, de Bernardo Carvalho (Carvalho, 2009), aparece como o exemplo mais extremo desse afastamento da problemática do nacional na literatura brasileira contemporânea que, no entanto, habita um número cada vez maior de romances contemporâneos – brasileiros, vale a pena ressaltar, ou não. Até que ponto esse extravasamento de problemáticas nacionais – “especificamente brasileiras” – deveria modificar também a forma de encarar as próprias ferramentas e conceitos para se pesquisar e ensinar a literatura brasileira no exterior? Se a literatura contemporânea já não se arrosta exclusivamente à discussão de uma identidade nacional e se, pelo contrário, parece se propor cada vez mais fortemente como imaginação de comunidades e coletividades que desconhecem a ferrenha ligação entre território, língua e nação – como proporia Giorgio Agambem (2001) –, parece evidente que, para a difusão e promoção dessa literatura brasileira no estrangeiro, fomentar e alicerçar uma discussão dessas novas “comunidades imaginadas” – para usar em um sentido mais complexo o conceito de Benedict Anderson (1983) – seriam estratégias mais sensíveis ao que essa nova literatura pareceria estar discutindo.

E é nesse sentido também – uma vez que a literatura brasileira no exterior está sempre se relacionando com as formas da literatura dos países nos quais essa literatura está sendo difundida, traduzida, pesquisada e, no contato com essa cultura diferente, novos problemas surgem – que a ideia mesma da difusão e promoção da literatura brasileira

no exterior compartilha muitos dos problemas que têm se associado nos últimos anos à discussão da literatura comparada, principalmente a partir de discussões como as elaboradas por Emily Apter em *The translation zone* ou Gayatri Spivak em *Death of a discipline* sobre os modos de se pensar a literatura comparada – a disciplina, os seus problemas, e as suas ferramentas – na era da regionalização da economia global e, com ela, também das culturas. Na proposta de Apter, a noção de tradução – linguística, mas também cultural – tem um papel fundamental no programa de uma “nova literatura comparada”. Segundo ela, “in naming a transnational process constitutive of its disciplinary nomination comparative literature breaks the isomorphic fit between the name of a nation and the name of a language” (Apter, 2003, p. 243). Também Spivak tem elaborado algumas noções interessantes – e bem complexas – sobre o problema da literatura comparada na contemporaneidade, propondo uma colaboração entre os estudos de área (“area studies”) e a literatura comparada que poderia tentar “to figure themselves – imagine themselves – as planetary rather than continental, global or wordly” (Spivak, 2003, p. 72).

Outra das questões tem a ver com a possibilidade de se pensar a difusão – e, com ela, os “difusores” – da literatura brasileira no exterior noutros termos que já não só do ponto de vista de uma transmissão, divulgação ou propagação de uma literatura ou de um saber que existiria feito e pronto no Brasil e que os pesquisadores só transmitiríamos, deslocando-o em outros contextos. Seria uma forma de produzir um saber novo, diferente do já conhecido, que se aproveitaria dessa mesma migração e deslocamento como uma forma de produzir saberes “outros” que despontariam ao se confrontar a literatura brasileira com um contexto estrangeiro ao que essa literatura interpelaria de uma forma diferente.² E aí a pergunta que surgiu é a de se uma instituição como o Itaú poderia, e como, não só atender à difusão da literatura brasileira, mas também intervir na produção

² A apresentação de Victor Mendes, professor de University of Massachusetts Dartmouth, apontou, no encontro Conexões, para esta possibilidade.

³ O livro de Sorá estuda quatro períodos importantes: o primeiro estende-se desde o século XIX até os anos 1930, quando se cristaliza, da mão das políticas culturais do Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-1945), a ideia de uma “autêntica cultura nacional brasileira” que inicia o segundo período. Na primeira etapa veem-se os vínculos estreitos entre diplomacia e tradução e resulta

surpreendente pela espantosa atualidade das traduções: *Esau e Jacob*, de Machado de Assis, por exemplo, cuja primeira edição no Brasil é de 1904, foi traduzido para o espanhol só um ano depois, em 1905. Essa sincronia é, por sua vez, evidência de um intenso diálogo entre a literatura argentina e brasileira no período, principalmente durante os anos do Romantismo. É no segundo período, no entanto, quando a tradução mostra seus vínculos com as políticas estatais e com as alianças políticas e ideológicas de esquerda que nasceram do exílio na Argentina de Luiz Carlos Prestes e Jorge Amado. Um terceiro período, que Sorá denomina *mercantil*, vai de 1945 a 1985 e exhibe a hegemonia do mercado na seleção e produção da tradução. Caberia ressaltar a importância que nos anos sessenta adquirem questões ideológicas e o tipo de problemas para os quais os estudos sociais brasileiros vão ser tomados como modelos a observar, como se pode concluir da relevância que os temas do desenvolvimento econômico e social adquiriram nesse momento. Por último, um quarto período, que Sorá denomina de internacionalização, inicia-se em 1985, quando as relações entre a cultura argentina e brasileira resultam em grande parte da mediação de intercâmbios internacionais nas feiras de Frankfurt, Barcelona, e dos circuitos construtores do mercado editorial internacional.

de esse “saber outro” que, no caso, estava se produzindo gerado precisamente por aquele encontro.

Algumas dessas questões dizem respeito a um mapeamento qualitativo da literatura brasileira no exterior que seria bem interessante fazer, além do mapeamento quantitativo. A identificação dessas questões e a elaboração de respostas para elas, assim como a criação de redes de pesquisadores e de contatos e fluxos de saberes é, sem dúvida, um dos grandes ganhos de encontros daquela natureza em termos teóricos, além do fato pragmático – também importante – de facilitação dessa rede e desses contatos.

Fica claro que, ao se falar da difusão da literatura brasileira no exterior, é importante analisar os tempos e contextos dessa difusão, levando em conta as diferentes condições de possibilidade que esses tempos e contextos têm oferecido para o conhecimento da literatura brasileira em países estrangeiros.

O antropólogo Gustavo Sorá começou a pensar algumas dessas questões para o contexto da Argentina durante o século XX no seu importante livro *Traducir el Brasil* (2003). Partindo de uma pesquisa empírica sobre as traduções de escritores brasileiros para o espanhol realizadas na Argentina, Sorá demonstrou que a tradução de autores brasileiros tem sido muito mais importante e constante na Argentina – segundo algumas variáveis históricas – do que na maioria dos outros países.³ Mas a pesquisa demonstrou também outra consequência mais relevante – e lamentável – ainda para a história cultural da Argentina e do Brasil: a de que a efetiva tradução de autores brasileiros na Argentina não tem sempre ajudado a reduzir o mútuo desconhecimento entre os dois países. A pouca reedição e circulação desses livros é um dado incontestável: dos canônicos e importantíssimos livros brasileiros traduzidos pela Biblioteca La Nación – uma importante editora universalista – nas primeiras décadas do século XX, por exemplo (autores como os já na época afamados Machado de Assis, José de Alencar ou Aluísio Azevedo), nenhum deles teve reedição alguma, muito

embora muitos dos títulos dessa mesma editora que provinham de diferentes tradições literárias europeias tenham sido reeditados ano após ano. A debilidade institucional da Argentina em termos de bibliotecas, arquivos e instituições dedicadas ao desenvolvimento do conhecimento sobre o Brasil não contribuiu, por outro lado, para “atualizar” e manter vivo o conhecimento do Brasil que esses livros traduzidos poderiam – e deveriam – ter acarretado.

Fica claro a partir da leitura do importante livro de Gustavo Sorá, portanto, que o significado dos livros traduzidos em suas dimensões históricas depende das formas nas quais esses livros são recebidos e apropriados por seus leitores, assim como das posições no campo intelectual dos agentes tradutores e dos pesquisadores, e que os problemas da tradução não dizem respeito só a duas culturas nacionais específicas, mas respondem a uma configuração internacional de redes de relações linguísticas, demonstrando, como diz Sorá, que “las fuerzas de internacionalización de los mercados desde fines de los años ochenta remataron el distanciamiento entre dos ‘culturas nacionales’ cuya vigencia editorial es regulada en aduanas muy lejanas” (Sorá, 2003, p. 221).

Era claro – a pesquisa demonstrava – que houve condições para uma tradução bem rica naquele momento, mas que na verdade ela não acarretou consequências de peso para o efetivo conhecimento da literatura brasileira na Argentina ou nos países de fala espanhola nos quais esses livros brasileiros poderiam passar, desde esse momento, a ser lidos. Se pensarmos na relação entre os escritores argentinos da época e a literatura brasileira, ou entre os críticos argentinos e a literatura brasileira, fica evidente que essas traduções não fizeram com que a literatura argentina se alimentasse da brasileira nem que a brasileira se alimentasse da argentina, nem, tampouco, que a literatura brasileira ficasse conhecida na Argentina fora do interesse de algumas pessoas específicas.

Um momento mais bem-sucedido dessa difusão foram – sem dúvida – os anos 60 e 70 do século XX, quando a

literatura brasileira *pegou carona* no *boom* da literatura latino-americana – que, lembremos, foi construído particularmente por uma editora de origem espanhola, a Seix Barral – e compartilhou com ela o seu momento de fama internacional. É claro que, na época, o contexto político da América Latina, com a Revolução Cubana e as instituições que iriam se criar, fez com que a difusão da literatura brasileira tivesse um impacto mais forte nas literaturas de língua espanhola. É por esses anos que o que tinha sido conhecido até então como “Concurso literário *hispano-americano*” foi se denominar, com a entrada dos autores brasileiros, como “Concurso literário *latino-americano*” e, logo em seguida, tomou o nome de “Premio Casa de las Américas”, que premiou autores brasileiros e contou no júri com escritores e intelectuais brasileiros da talha de Antonio Candido, Chico Buarque ou Davi Arrigucci Jr. Em depoimento em Havana, Antonio Candido disse sobre o prêmio:

Para nós, brasileiros, geralmente tão separados dos irmãos de fala espanhola, Cuba tem sido a grande mediadora, ao criar a possibilidade de entendimento que se forma aqui e se desenvolve fora, e ao tecer uma rede fraternal que abraça o continente com suas possibilidades de compreensão e intercâmbio (*apud* Cabañas e Fonet, 1999, p. 181).

Quando a Editorial Siglo XXI publica *América latina en su literatura*, em 1972, a presença da literatura brasileira no volume é incontestável, tendo ele artigos como os de Antonio Candido, José Guilherme Merquior, Antonio Houaiss, Haroldo de Campos, ou Emir Rodríguez Monegal e outros críticos latino-americanos que fazem referência à literatura brasileira, ou de tantos outros que, sem falar exclusivamente da literatura brasileira, colocam em relação a literatura hispano-americana e a brasileira referindo-se a autores como Alencar, Machado, Casimiro de Abreu, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e tantos outros escritores brasileiros citados e analisados nesses textos (Moreno, 1972).

Para aqueles que, no fim da década de 1980, estudávamos literatura na universidade argentina, esse livro foi a descoberta de que a literatura brasileira existia numa sintonia de problemas com a literatura latino-americana e que ela própria podia se converter em um campo de estudo e pesquisa para nós, os latino-americanos que queríamos e pretendíamos construir uma América Latina grande, que víamos representada na canção de Gilberto Gil com letra de Capinam, *Soy loco por ti América*, que dançávamos e cantávamos com fervor nas festas da época. E essa América Latina grande não se preocuparia tanto com a questão da identidade nacional ou regional, mas se assemelharia com a corrupção das unidades homogêneas que Caetano Veloso comemorava em *Língua* – canção que também dançávamos e cantávamos ainda com mais fervor, se possível. Basta lembrar o refrão de *Língua* para ouvir uma alusão leve a essa América Latina, que Caetano repetia gozoso:

Flor do Lácio Sambódromo
 Lusamérica latim em pó
 O que quer? O que pode esta língua?
 Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
 E o falso inglês relax dos surfistas
 Sejam imperialistas! Cadê? Sejam imperialistas!
 (...)
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero frátria.⁴

O leque que uma história da difusão da literatura brasileira no exterior abre é bem complexo e não seria possível esgotar, em um único artigo, as discussões que um problema como esse abre. Uma questão que, no entanto, é importante ressaltar é até que ponto essas condições, na época, colaboraram ou não para uma difusão efetiva, intenciosa, perdurável, da literatura brasileira na América Latina. Segundo Pablo Rocca, “ningún crítico hispanoamericano coetâneo de la nacionalidad que fuere se encargó, como Monegal o como Rama, con tanto interés y persistencia de

⁴ “Soy loco por ti América” foi composta sob o efeito da morte do Che Guevara e gravada em *Tropicália*, em 1967. “Língua”, composta por Caetano Veloso, aparece em *Velô*, em 1984. Na canção, Caetano retoma uma frase famosa de Fernando Pessoa em “A minha pátria é a minha língua”, do *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares (Pessoa, 1982).

⁵ Um trabalho mais abrangente sobre as relações entre Emir Rodríguez Monegal e Ángel Rama com o Brasil pode se encontrar no livro de Rocca, *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 20

la literatura brasileña” (Rocca, 2006a, p. 56), o que é bem pouco para um campo de crítica latino-americana que tem sido bastante rico e produtivo.⁵ Eu acrescentaria que tanto o trabalho de Rama como o de Rodríguez Monegal sobre a literatura brasileira talvez não tenham comparação, no campo intelectual latino-americano, sobretudo o de Rama, com a contribuição deles para a literatura latino-americana em espanhol. O que também é evidente é que o diálogo entre críticos de fala espanhola e portuguesa também tem sido, apesar do diálogo entre Rama e Candido e outras poucas honrosas exceções, bastante pouco produtivo.

Se esses tempos e contextos hoje são bem diferentes, como se deveria pensar a difusão da literatura brasileira na era da globalização e das culturas pós-nacionais ou transnacionais? Como as diversas instituições de pesquisa e ensino da literatura brasileira poderiam contribuir para uma discussão dessas questões que, levando em conta as condições atuais da globalização, possa se inserir no contexto contemporâneo para tirar desse processo as boas qualidades, aprofundá-las, e interromper aquelas outras propriedades que levam ao apagamento das diferenças e à imposição de lógicas homogeneizantes? Queremos continuar defendendo uma identidade da literatura brasileira ou pretendemos abrir esse conceito? Como poderíamos pensar e contribuir para a difusão da literatura brasileira no exterior partindo da inspiração do título da coletânea *Nenhum Brasil existe* (Rocha, 2003), tomado de empréstimo de um verso de Drummond? Qual seria a literatura brasileira desse *Brasil nenhum* que quereríamos difundir, e como deveríamos fazer essa difusão?

Hoje, quando a palavra de ordem é a redução dos orçamentos no contexto da crise global, há evidência importante sobre a multiplicação dos estudos comparativos entre as literaturas e as culturas do Brasil e da Argentina, e, em um sentido mais geral, sobre as literaturas latino-americanas, que, tendo abandonado a preocupação pela identidade latino-americana, incorporam nesse estudo as

culturas do Brasil sem os empecilhos do purismo linguístico ou historiográfico do passado.

Hoje existe uma série dentro de uma editora argentina (a Corregidor) especialmente dedicada à publicação e tradução de literatura brasileira que vem, há quase dez anos ininterruptos, publicando clássicos como Oswald de Andrade ou Graciliano Ramos e literatura mais contemporânea, como Ana Cristina Cesar ou Leminski. Mas não só. Também grande parte das maiores editoras argentinas e multinacionais vem publicando em Buenos Aires, com muito mais frequência, autores brasileiros contemporâneos e clássicos: a nova edição que o Fondo de Cultura Económica fez de um livro que era inencontrável nas livrarias argentinas, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, junto com livros como *A descoberta do mundo*, de Clarice Lispector, ou os vários romances de João Gilberto Noll e Adriana Hidalgo, ou *Um amor anarquista* e os vários textos que Beatriz Viterbo vem publicando, assim como outros muitos, tanto de ensaios, como o *Balanço da bossa*, de Augusto de Campos, ou *Literatura e vida literária*, de Flora Sussekind, demonstram uma presença cada vez maior da literatura brasileira no catálogo de editoras argentinas. Mais importante do que o número de volumes publicados, no entanto, é o fato de esses livros estarem hoje influenciando uma escrita literária argentina que tem se nutrido deles e que, por sua vez, também está nutrindo os escritores brasileiros. E existe também, hoje, um diálogo muito mais intenso entre a crítica argentina e a crítica brasileira.

O caso da poesia contemporânea é muito significativo. A revista *Tsé Tsé* vem publicando uma série de livros e de poemas, traduzidos e não traduzidos, e lançando dentro de sua editora livros completos de alguns poetas brasileiros contemporâneos, como o caso do *Sublunar*, de Carlito Azevedo, ou *No se dice*, de Marcos Siscar. Tanto esses livros como o contato fluido dos poetas argentinos e brasileiros em festivais diversos, realizados tanto na Argentina como no Brasil, evidenciam-se numa escrita poética que se nutre desses contatos. Basta ler alguns poemas de Carlito

Azevedo ou Marília Garcia para ver que essas influências têm andado nas duas direções.

Os livros da coleção *Vereda Brasil* têm instalado um conhecimento importante dos autores publicados, já que, além de publicar o livro traduzido, cada volume traz estudos preliminares e bibliografias que ajudam os livros traduzidos a se instalarem no mercado e, mais importante ainda, na cabeça dos leitores.

As verbas para projetos de cooperação internacional e para trabalhos comparativos têm aumentado exponencialmente na Argentina, sobretudo na Secretaria de Ciência e Técnica do Ministério de Educação da Argentina, que, em parceria com a Capes do Brasil, tem financiado e continua financiando pesquisas desenvolvidas por universidades argentinas e brasileiras em conjunto.

É importante, nesse contexto, lembrar que difusão não implica um trajeto de uma só via, mas que é uma viagem de ida e volta, e em várias direções, que desenham uma encruzilhada de fertilização cruzada, e que essa difusão acontece num contexto global de poder e conhecimento que influencia crucialmente a paisagem intelectual.

Pensar a difusão da literatura brasileira de uma perspectiva de literatura comparada transformada, que já não esteja procurando as identidades de uma literatura como referentes de uma identidade nacional, mas que, pelo contrário, se fundamente na relação dessa literatura brasileira com as outras literaturas, talvez seja hoje uma estratégia para transformarmos, na medida de nossas fracas possibilidades, o papel da literatura brasileira, e com ela o papel da literatura em geral – nesse novo mundo a cuja transformação estamos assistindo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Medios sin fin*: notas sobre la política. Valencia: Pre-Textos, 2001.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*. New York: Verso, 1991.

APTER, Emily. *The translation zone*. Princeton: Princeton University, 2006.

CABAÑAS, Inés; FORNET, Jorge. *Premio Casa de las Américas: memoria, 1960-1999*. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 1999.

CARVALHO, Bernardo de. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAPINAM; GIL, Gilberto. Soy loco por ti América. In: _____. *Tropicália*. Phillips, 1967.

FERNÁNDEZ MORENO, César. *América latina en su literatura*. México: Siglo XXI, 1972.

PESSOA, Fernando. A minha pátria é minha língua. In: _____. *Livro do desassossego*. Lisboa: Ática, 1982. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho).

ROCCA, Pablo. La fisura regionalista de Graciliano a G. Rosa (la visión hispanoamericana de Emir Rodríguez Monegal y Ángel Rama). *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 12, 2006a.

_____. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006b.

LOPES DE ARAUJO, Valdei. *Nenhum Brasil existe*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*. Una antropología de la circulación internacional de ideas. Buenos Aires: Libros Del Zorzal, 2003.

SPIVAK, Gayatri. *Death of a discipline*. New York: Columbia University, 2003.

VELOSO, Caetano. *Velô*. Polygram, 1984.